

The existential labyrinth: a didactic approach to the absurd in Camus.

Resumo:

O presente artigo considera as atividades intituladas "Labirinto Existencial", realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), subprojeto de filosofia, e do projeto de extensão "Sebo Cultural Itinerante: o ensino de Filosofia na sociedade tecnológica", ambos do curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), ocorridas em 2023 e 2024. Essas atividades utilizaram duas abordagens didáticas para o ensino de Filosofia, inspiradas na concepção de filosofia como uma "fábrica de conceitos" proposta por Silvio Gallo (2012), com o objetivo de explorar o pensamento de Albert Camus, em *O Mito de Sísifo* (Camus, 2022), de forma lúdica e reflexiva. Sob essa perspectiva, a sala de aula é concebida como um "laboratório de conceitos", onde problemas são abordados de maneira racional e experiencial. A metodologia visa promover a autonomia intelectual dos alunos, incentivando-os a desenvolverem seu próprio pensamento conceitual e a aprenderem coletivamente, dialogando com suas vivências no aprendizado com o outro, enquanto trabalham os conceitos e os problemas centrais do pensamento camusiano. A criação lúdica da maquete e a forma como a atividade foi conduzida despertou o interesse e a participação ativa dos alunos, desde os estudos até a construção do conceito. As apresentações em diferentes contextos aumentaram o engajamento e atraíram novos participantes para o grupo "Café Filo", conquistou o interesse de pessoas dentro e fora dos projetos, além de promover um aprofundamento do conteúdo e aprimoramento da metodologia por parte dos ministrantes.

Palavras-chave: Labirinto Existencial. Pibid. Sebo Cultural Itinerante. Albert Camus. Silvio Gallo.

Abstract:

*This article considers the activities titled "Existential Labyrinth," conducted under the Institutional Program of Initiation to Teaching Scholarships (Pibid), philosophy subproject, and the extension project "Itinerant Cultural Secondhand Bookstore: Teaching Philosophy in the Technological Society" both from the Philosophy course at the State University of Vale do Acaraú (UVA), held in 2023 and 2024. These activities used two didactic approaches for teaching Philosophy, inspired by the concept of philosophy as a "factory of concepts" proposed by Silvio Gallo (2012), with the objective of exploring the thought of Albert Camus in *The Myth of Sisyphus* (Camus, 2022) in a playful and reflective manner. From this perspective, the classroom is conceived as a "laboratory of concepts," where problems are addressed rationally and experientially. The methodology aims to promote students' intellectual autonomy, encouraging them to develop their own conceptual thinking and learn collectively, engaging with their experiences and learning from others while working on the central concepts and problems of Camus' thought. The playful creation of the model and the way the activity was conducted sparked the interest and active participation of students, from the studies to the construction of the concept. The presentations in different contexts increased engagement and attracted new participants to the "Café Filo" group, piqued the interest of individuals inside and outside the projects, and contributed to a deeper understanding of the content and the improvement of the methodology by the instructors.*

Keywords: Existential Labyrinth. Pibid. Itinerant Cultural Secondhand Bookstore. Albert Camus. Silvio Gallo.

1. Cursa Filosofia (licenciatura) UVA

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discorre sobre as atividades "Labirinto Existencial" que retratam o conceito camusiano de *absurdo*, desde a construção do labirinto até suas aplicações. Em *O Mito de Sísifo*, o *absurdo* é o ponto de partida de Albert Camus (1913-1960) para sua investigação, é seu método (pois é elementar e essencial ao problema, não pode ser decomposto, escamoteado ou negado), semelhante ao que é a dúvida metódica para o pensamento cartesiano². O *absurdo* compõe-se do conflito que une o homem com suas expectativas de vida e um mundo que se apresenta indiferente a ele, diante disso, nenhuma das partes que compõem esse conceito pode ser dividida ou negada, pois assim o *absurdo* se desfaz e a resposta que encontramos seria uma fuga do problema. Assim nasce a regra de método de Camus, o *absurdo* não pode ser negado e nem dividido, então parte em busca de uma resposta seria mais adequada para esse problema.

O pensamento de Camus emerge no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, marcado por uma profunda desconfiança em relação aos idealismos e às instituições religiosas. Desiludidas e com suas terras devastadas, as pessoas buscavam novas formas de entendimento. Foi para esse público que Camus escreveu suas obras, abordando uma pós-modernidade caracterizada pela fragmentação dos absolutos e um pessimismo herdado da modernidade.

Sua filosofia, segundo Pimenta (2018, p. 52), divide-se em três ciclos: o lirismo, o *absurdo* e a *revolta*. O lirismo refere-se ao ser humano em sua vida maquinal de harmonia com o cosmos que se depara com algo que leva à quebra do cotidiano, iniciando um conflito primeiramente no âmbito da sensibilidade (pois aprendemos a viver antes de pensar) entre homem e mundo. No segundo ciclo nos deparamos com o divórcio entre ser humano e cosmos, o homem agora sente-se

como um estrangeiro no mundo e busca analisar as possíveis saídas para o problema do *absurdo*. No terceiro ciclo, do pensamento camusiano, encontramos o conceito de *revolta*, saída apontada pelo autor como aquela que aceita o *absurdo* e aquilo que o compõe, mas propõe enfrentá-lo livre de esperanças.

Vale destacar que neste artigo não se pretende aprofundar no pensamento camusiano, mas apenas apresentá-lo brevemente para, em seguida, descrever a atividade denominada "Labirinto Existencial" realizada inicialmente no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID³) e o seu processo até a atividade desenvolvida no "Sebo Cultural Itinerante⁴: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica".

O objetivo da maquete é proporcionar aos alunos uma experiência existencial através do conceito de *absurdo* de Camus, a partir da materialização metafórica de seu pensamento, por meio da reflexão e da brincadeira na construção da maquete em grupo. Após a leitura de *O Mito de Sísifo*, a ideia inicial surgiu de um primeiro projeto de maquete, baseado nas vivências dos pibidianos, que não estava tão bem adequada ao que queríamos proporcionar aos alunos. Em seguida, apresentamos uma versão diferente da atividade na forma de aprendizagem ativa, desenvolvida no âmbito no projeto de extensão Sebo Cultural Itinerante.

A atividade foi trabalhada com base na metodologia proposta por Silvio Gallo (2012), cuja visão defende que o ensino de filosofia deve funcionar como uma "oficina de conceitos", um laboratório em que eles sejam ferramentas manipuláveis, onde se façam experiências e experimentações com eles, por meio de um aprendizado ativo em que o aluno experimente, a partir da problemática proposta, a criação conceitual, visando a emancipação do aluno.

2. René Descartes (1596-1650), filósofo francês, criou um método com o objetivo de conduzir o espírito no caminho da verdade. Seu método buscava, a partir de um ceticismo radical (dúvida metódica), encontrar um tipo de conhecimento que não possa ser posto em dúvida. É a partir deste conhecimento indubitável que ele buscou fundamentar as novas ciências e filosofias, concluindo que a única coisa da qual não se pode duvidar é de que estamos pensando "penso, logo existo". Ver mais em: Zanette e Sarmento (2016). Em *O Homem Revoltado*, Camus afirma que o absurdo é seu método, que se inicia no sofrimento individual e a partir do movimento de revolta torna-se consciência de ser coletivo, que, portanto, fundamenta o primeiro valor dos homens, afirmando "eu me revolto, logo existimos" (Camus, 16-33).

3. A maquete Labirinto Existencial surgiu como atividade no âmbito do PIBID, subprojeto de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) realizado na E.E.M. Professor Arruda, sob a supervisão do professor Aldiney do Monte Aguiar em 2023 e coordenação do Prof. Dr. Fabrício Klain Cristofaletti. Os pibidianos "autor", "coautora", Antônio Santhiago Moreira Lino e Maria Samara Santiago da Silva foram os responsáveis pela criação da maquete junto dos alunos da escola.

4. A atividade foi recepcionada pelo Projeto de Extensão: "Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica", sob a orientação do "coautor", juntamente com os estudantes "autor e coautora", na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), para dar continuidade ao projeto e poder levá-lo a outros espaços, para assim tentar encantar mais alunos com essa metodologia de aprender e inspirar professores.

Primeiramente, apresentaremos o pensamento camusiano e, em seguida, desenvolveremos o processo didático do Labirinto Existencial, passando pelos seus objetivos enquanto método de aprendizagem filosófica e os retornos obtidos.

2. O MITO DE SÍSIFO: O LIRISMO, O ABSURDO E A REVOLTA

Nesta seção, trataremos das três fases do pensamento camusiano segundo Pimenta (2018, p. 52), essenciais para o entendimento dos componentes da atividade. No primeiro ciclo do pensamento camusiano, observa-se uma harmonia entre o ser humano, que leva uma vida maquinal, e o mundo. Contudo, em determinado momento, surge um conflito que pode levar ao despertar da consciência que rompe com os atos mecânicos do hábito. Nesse ponto de ruptura entre homem e mundo, segundo ciclo do pensamento camusiano, localiza-se a definição do *absurdo* (seu método) e, a partir dele, as possíveis respostas que passam por fugas metafísicas e religiosas (que Camus chama de suicídio filosófico), o suicídio enquanto ato (interesse central na obra) e por fim o terceiro ciclo do pensamento camusiano que se concentra no conceito de *revolta*.

2.1 Da vida maquinal ao despertar da consciência

A pós-modernidade, após a Segunda Guerra Mundial, apresenta-se desconfiada de idealismos e das instituições religiosas, os homens encontram-se sedentos de ilusões metafísicas e suas terras destruídas pelas guerras, é para essas pessoas que Albert Camus escreve:

A pós-modernidade é marcada pela fragmentação dos absolutos, e sobre ela paira a sombra do pessimismo que a modernidade legou. Os nihilismos nascentes da "Morte de Deus" também se insurgiram sobre todo e qualquer princípio doador de equilíbrio, ordem ou vitalidade – até mesmo a razão tão exaltada pela modernidade conheceu sua crise. Outros autores desse período, como Nietzsche e Dostoiévski, foram sintomáticos ao ressaltar a voracidade do nihilismo crescente (Lins, 2016, p. 38).

É nesse contexto que em *O Mito de Sísifo*, Camus trata do suicídio em relação a uma humanidade que se encontra

destituída de ilusões, então, para isso, desenvolve um método explicitado na obra: o *absurdo*. É um método de análise, não de conhecimento, "pois métodos implicam metafísicas, e elas traem, à sua revelia, as conclusões que às vezes pretendem não conhecer ainda" (Camus, 2022, p. 32). Portanto, segundo o filósofo, esse método admite que todo conhecimento verdadeiro é impossível, uma vez que o conhecimento metafísico, fechado em si mesmo como verdade, mostrou-se equivocado na tradição. Assim, o que se pode fazer é enumerar as aparências e apresentar o contexto.

Primeiramente, para chegar ao *absurdo*, é preciso analisar o momento anterior ao seu "surgimento". No primeiro ciclo do pensamento camusiano (Pimenta, 2018, p. 53-54) encontramos um homem em harmonia com o cosmos. Existem promessas de felicidade (fundamentada em um mundo sensível e material, ou seja, isso significa que a fonte da felicidade reside nas experiências sensoriais e tangíveis da vida cotidiana) que realizar-se-ão no futuro, nesse estágio raramente o ser humano questiona seu cotidiano, mas:

[...] Um belo dia, surge o "por quê" e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. "Começa", isto é importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento (Camus, 2022, p. 33).

Em um momento imprevisto, que é percebido pela sensibilidade (Camus, 2022, p. 56-58), sentimento absurdo, e verificado pela razão, noção absurda, o tempo deixa de nos levar em nosso sono cotidiano, deixamos de viver no futuro - "amanhã", "com o tempo..." - caímos nele, ocupamos o nosso lugar no presente. Assim, constata-se essa incompatibilidade entre homem e cosmos que inaugura um movimento da consciência ao término da vida maquinal⁵.

Após esse despertar da consciência, o mundo volta a ser o que é, sem seus cenários disfarçados pelo hábito (Camus, 2022, p. 35), ocorre uma estranheza do homem com o mundo que marca o segundo ciclo do pensamento camusiano. A esse conflito Camus chama de *absurdo*:

5. O término da vida maquinal que estava em harmonia com o cosmos é o início do segundo ciclo do pensamento camusiano marcado pelo mal-estar do conflito entre homem e mundo. (Pimenta, 2018, p. 54-56).

O *absurdo* nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz. (Camus, 2022, p. 53).

Portanto, é necessário um ser humano com expectativas de vida; um mundo aparentemente indiferente e sem sentido e um conflito entre eles. O conflito nasce de uma comparação entre um estado de fato (uma ação, uma condição ou ação específica que ocorre dentro do contexto do confronto) e certa realidade (o mundo) que o supera. Logo, nesses termos nasce uma regra do método:

No plano da inteligência, posso então dizer que o absurdo não está no homem [...] nem no mundo, mas na sua presença comum. Até o momento, este é o único laço que os une. Se quiser me limitar às evidências, sei o que o homem quer, sei o que o mundo lhe oferece e agora posso dizer que também sei o que os une. [...] A consequência imediata disso é ao mesmo tempo uma regra de método. [...] Sua primeira característica a esse respeito é que ela não pode ser dividida. Destruir um de seus termos é destruí-la totalmente (Camus, 2022, p. 58-59).

Camus (2022, p. 59) acredita ter chegado a uma verdade (essa noção do *absurdo* é um critério elementar e essencial), ou seja, o *absurdo* não pode ser dividido, nem ter suas partes negadas, pois ao retirarmos parte daquilo que o forma, ele é destruído. Por conseguinte, não existe fora do espírito humano e nem fora deste mundo, então Camus parte para a análise em que busca saber se o suicídio pode ser deduzido dessa fórmula e se há como livrar-se dele.

Dentre as possíveis saídas encontramos duas formas de suicídio, o primeiro é o que ele chama de *suicídio filosófico*, uma atitude de negação e fuga por meio da filosofia ou religião, o segundo é o suicídio enquanto ato de extermínio da vida.

2.2 O suicídio filosófico

Camus buscou o que há de concordância entre autores existencialistas sobre o tema, citando Karl Jaspers (1883-1969), León Chestov (1866-1938), Søren Kierkegaard (1813-1855) e Edmund Husserl (1859-1938). Todavia ele

percebe modos de evasão ante o *absurdo*. Identifica, nesses pensadores do irracional, formas de fugas ou saltos (Lins, 2016, p. 47) ante o *absurdo*, ou, em outras palavras, "fugas metafísicas" de caráter filosófico ou religioso. O *absurdo* camusiano surge da inadequação ontológica (Pimenta, 2018, p. 52) entre homem e mundo, no entanto, não se pode resolver esse problema negando suas partes (Camus, 2022, p. 59), seja por meio de saltos metafísicos ou religiosos que negam totalmente a razão humana ou o mundo que se apresenta sem os véus criados pelo hábito da vida maquinal, portanto, não há *absurdo* fora do espírito humano (ele termina com a morte) e nem fora deste mundo, seja por uma fé cega ou uma razão deificada:

Tomo aqui a liberdade de chamar de suicídio filosófico a atitude existencial. Mas isto não implica um julgamento. É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação. A negação é o Deus dos existencialistas. Esse deus, exatamente, só se sustenta pela negação da razão humana. Mas, como os suicídios, os deuses mudam de acordo com os homens. Há várias maneiras de saltar, mas o essencial é saltar. Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não foi superado, tanto podem nascer (é o paradoxo deste raciocínio) de uma certa inspiração religiosa quanto da ordem racional. Elas sempre aspiram ao eterno, e só nisso dão o salto (Camus, 2022, p. 73).

Para Camus, Jaspers representaria, de modo caricatural, um exemplo dessa atitude que admite a incapacidade da razão de alcançar uma compreensão completa e satisfatória do mundo, mas, em vez de aceitá-la, dá um "salto" ao afirmar a existência de uma transcendência que está além da compreensão humana. Ele defende que o fracasso da razão em explicar o mundo não revela o nada, mas sim uma transcendência inexplicável. Jaspers nega o pensamento racional e adota uma crença sem justificativa racional, similar a alguém que comete suicídio físico abandona a luta da vida, pois, com isso, Jaspers evita o confronto com o absurdo da existência e, em vez do confronto, busca consolo em uma explicação transcendente, fugindo da dura realidade da irracionalidade do mundo (cf Camus, 2022).

Portanto, soluções como esta são ilógicas e não respondem adequadamente ao problema que Camus busca responder (Camus, 2022, p. 84), se é possível viver no *absurdo* ou se a lógica aponta que se morra por ele. Contudo, o *suicídio filosófico* que aqui tratamos importa

menos, Camus está mais interessado no suicídio físico.

2.3 Suicídio

Para o filósofo absurdista, só existe um problema filosófico realmente sério devido às consequências que se sucedem: julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida - o suicídio (Camus, 2022, p. 18). Afirma não querer tratar desse problema como fenômeno social, mas a sua relação com o pensamento individual (Camus, 2022, p. 20). É preciso saber se esta atitude é coerente com o método adotado segundo o autor.

O suicídio é um salto (Camus, 2022, p. 92-93) proveniente da aceitação do *absurdo* em seu limite máximo, ele elimina o problema retirando o homem do mundo através da morte, mas o *absurdo* não é resolvido negando, decompondo ou fugindo dele:

Viver o absurdo é a opção camusiana. Esta opção, fazer viver a absurdidade, é o que constitui a grandeza da existência. Portanto, o suicídio não é uma resposta coerente ao absurdo, sendo que, para o franco-argelino, suicidar é um ato contrário à inadequação metafísica, visto que esse ato elimina o confronto que há entre o homem e o mundo, ele é uma fuga, não uma solução. "Ele [o suicídio] é uma fuga da realidade, porque retira do homem a responsabilidade de seu próprio destino" (Pimenta, 2012, p. 18).

Não sendo uma resposta coerente, não pode ser deduzido do *absurdo* (Pimenta, 2012, p. 21), o suicídio é uma fuga desconhecida do seu enfrentamento. Enquanto pessoas existirem, o problema continuará existindo, logicamente não é a resposta adequada, embora o suicídio aceite radicalmente o absurdo, mas em vez de enfrentá-lo, salta em busca de escapar dele pelo desconhecimento, sem saber ao certo se realmente conseguiu fugir. Camus busca uma resposta coerente com seu método: em qual resposta caberia a aceitação do *absurdo* sem fugir do seu enfrentamento?

2.4 Revolta

Buscando manter sua aposta na permanência do *absurdo*, Camus insiste, novamente, de forma obstinada, em manter este método, almeja saber se é possível viver sem os saltos, dispensando apelações, ou seja, recusando em aceitar soluções que escapem à realidade tangível e à existência concreta. Quer viver com o que se apresenta a ele, mesmo que sua única certeza seja a falta de certezas, portanto, uma atitude em relação

a nossa condição diante dessa verdade desconcertante. O homem absurdo "exige de si mesmo viver somente com o que sabe, arranjar-se com o que é e não admitir nada que não seja certo" (Camus, 2022, p. 91).

Neste ponto, parte-se a uma nova percepção: se o *absurdo* não pode ser resolvido, ele deve ser enfrentado. Esse enfrentamento desesperançado é o que ele nomeia de *revolta*:

Viver é fazer que o absurdo viva. Fazê-lo viver é, antes de mais nada, contemplá-lo. [...] Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a *revolta*, o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão. Ela é a exigência de uma transparência impossível e questiona o mundo a cada segundo. [...] Ela é a presença constante do homem diante de si mesmo. Não é aspiração, porque não tem esperança. Essa revolta é apenas a certeza de um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-la (Camus, 2022, p. 92).

A *revolta*, em Camus (2022, p. 93), restaura a grandeza da vida e lhe dá valor, fortalece o homem, pois não o livra do peso de sua vida que ele precisa carregar sozinho, sem doutrinas que expliquem tudo. O homem aceita seu destino, não nutre mais esperanças quanto a isso, mas busca enfrentá-lo de forma consciente, encontrando sentido no próprio enfrentamento do *absurdo*, devolvendo a beleza e a vontade de viver a sua vida.

Para exemplificar, utiliza-se do Mito de Sísifo (Camus, 2022, p. 192-198) como metáfora: Sísifo foi condenado pelos deuses a rolar repetidamente uma pedra até o alto de uma montanha só para vê-la cair por seu próprio peso e reiniciar o trabalho em seguida. Uma aposta em um trabalho inútil e sem esperança como castigo. Este trabalho é como a repetição maquinal da vida cotidiana, a revolta de Sísifo, diante da aparente futilidade do destino, ao continuar rolando a pedra representa a coragem de confrontar o *absurdo* e encontrar seu próprio sentido no enfrentamento da sua condição.

Portanto, "a própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz" (Camus, 2022, p. 198). Esta frase, que conclui o ensaio de *O Mito de Sísifo*, é uma aposta em que somos chamados a encontrar significado no enfrentamento ao absurdo, em nossas próprias ações e em nossa aceitação consciente da realidade. É ao mesmo tempo um ato de resistência e de afirmação da liberdade humana diante de um mundo inapreensível e indiferente em sua totalidade.

Ao trazer o pensamento camusiano para o ensino médio, o desafio está em traduzir ideias filosóficas densas para um formato acessível e engajador, que dialogue com as vivências e inquietações dos estudantes. Foi nesse contexto que surgiu a proposta do *Labirinto Existencial*. Através dela transformamos conceitos e problemáticas de *O Mito de Sísifo* em uma experiência interativa e concreta, capaz de estimular reflexões por meio da ludicidade e da participação ativa.

3.A ATIVIDADE: LABIRINTO EXISTENCIAL

A atividade se orienta a partir da concepção de Filosofia como uma "fábrica de conceitos", buscamos converter nossas vivências em conteúdos para o ensino de filosofia, explorando-as para produzir recursos didáticos que abordem conceito e problemática em um aprendizado ativo. Para isso, criamos o *Labirinto Existencial*, uma atividade que explora o pensamento camusiano de forma lúdica e reflexiva.

Há muitas filosofias⁶ e muitas formas de filosofar, é necessário, portanto, para tratar do ensino de filosofia, assumir uma perspectiva diante da multiplicidade de filosofias, dos estilos de filosofar e, consequentemente, também das múltiplas perspectivas de ensinar a filosofia e o filosofar que esta variedade produz. Nessa perspectiva, tem-se que

Para a problemática do ensino de filosofia, perante essa diversidade, penso que só há uma possibilidade plausível: escolher uma perspectiva de filosofia que permita um trabalho coerente em sala de aula. A não escolha clara de uma perspectiva filosófica pode levar a um perigoso ecletismo, no qual se juntam as mais diversas perspectivas e se acaba chegando a resultado algum ou, o que pode ser ainda pior, a um "Frankenstein" mal costurado (Gallo, 2012, p. 38).

Inspirados na posição de Silvio Gallo (2012) que defende, que o ensino de filosofia deve ser visto como uma "oficina de conceitos", no qual eles sejam ferramentas manipuláveis, um laboratório onde se façam experiências e experimentações com eles. O conceito⁷,

que refere-se à problemas, é a chave para a aula de filosofia, já que esta produz conhecimento a partir de conceitos racionais:

Para dizer brevemente, o conceito é, pois, uma forma racional de equacionar um problema ou problemas, exprimindo uma visão coerente do vivido. Não é abstrato nem transcendente, mas imanente, uma vez que se baseia necessariamente em problemas experimentados (Gallo, 2012, p. 55).

Portanto, o ensino-aprendizagem que fundamenta essa atividade passa necessariamente por dois pontos-chaves que estão inter-relacionados: o conceito e o problema, afirmando a importância do ato de filosofar, levando em conta a tradição filosófica. Para tanto, Gallo (2012, p. 80) argumenta que o ensino de filosofia deve "compreender o problema com base no conceito que foi produzido a partir dele", pois os problemas são objetivos e os conceitos singulares, ou seja, os conceitos são criados para problemas específicos identificado pelo filósofo, através de um "método regressivo"⁸. O objetivo dessa metodologia é fazer com que os alunos desenvolvam certa autonomia no pensar que não é obtida simplesmente absorvendo conteúdos passivamente, deve-se buscar formas de mediações pedagógicas que facilitem o aprendizado e que desenvolvam suas capacidades para pensar por conta própria:

No campo da filosofia, a autonomia ou capacidade de pensar por si mesmo dificilmente pode ser conquistada com a mera aquisição de conteúdos filosóficos. Como afirmado anteriormente, esta deve estar aliada à apropriação de um método de acesso a esse conhecimento, de modo que o estudante conquiste progressivamente uma autonomia intelectual que o capacite a apropriar-se de outros conteúdos por conta própria. É a velha ideia de ensinar a pescar, em vez de apenas dar o peixe (Rodrigo, 2009, p. 25).

O método aqui aplicado se opõe a direção de produzir um consenso, pois não se baseia na explicação. Consequentemente, aquele que aprende não precisa renunciar a seus pontos de vista, cedendo para o ponto de vista do professor. Para Gallo (2012, p. 48-51), o ensino de filosofia pode ser tomado na perspectiva ativa "que tenha por meta a emancipação intelectual daquele que

6. Segundo Japiassú e Marcondes (2006, p. 108) "é difícil dar-se uma definição genérica de filosofia, já que esta varia não só quanto a cada filósofo ou corrente filosófica, mas também em relação a cada período histórico".

7. Para o comentador, os autores (Deleuze e Guattari) consideram que apenas a filosofia produz conceitos; a ciência opera com "prospectos" que são percepções do real que dão origem a proposições ou funções; e a arte através de "perceptos" e "afectos" que são expressos nas obras (Gallo, 2012, p. 62-63).

8. "Para cada conceito, um campo problemático, um conjunto de problemas, um conjunto de mistérios envolvidos em sua criação" (Gallo, 2012, p. 81). Portanto, para descobrir esses mistérios é preciso partir dos conceitos para os problemas específicos aos quais buscam ser uma resposta.

aprende, a produção de singularidades, ainda que não seja possível controlar isso", essa forma de aprendizado se contrapõe ao ensino enciclopédico da explicação, cujo aprendizado é meramente passivo e formador de consensos. Para um ensino ativo em filosofia é preciso que o aluno faça a experiência do pensamento conceitual, ou seja, a experiência do problema (portanto, trabalhou-se com uma abordagem problemática) como mobilizador do pensamento para alcançar a criação conceitual.

A atividade surgiu de uma experiência de leituras prévias, que geraram percepções que dialogam com os conceitos camusianos de *absurdo* e *revolta*, permitindo a adaptação do seu pensamento em uma jornada filosófica.

O *Labirinto Existencial*, enquanto uma didática de aprendizagem ativa, cumpre a função de trazer a problemática e o pensamento camusiano em uma perspectiva lúdica que convida os alunos a realizarem um percurso existencial dialogando com suas vivências, compartilhando e aprendendo com terceiros, enquanto exploram o labirinto. Brincando e refletindo na busca da resposta lógica (saída) adequada ao *absurdo* nos termos colocados por Camus, a aprendizagem estimula a busca de soluções e reflexão sobre as mesmas, passando pelos conceitos camusianos e dialogando com eles.

3.1 A ideia da Maquete

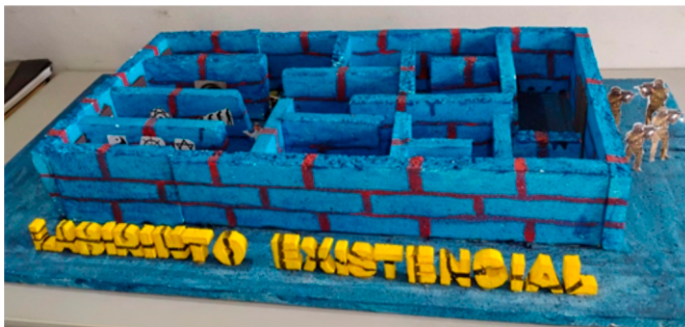
A Maquete *Labirinto Existencial* desenvolveu-se a partir de uma primeira ideia baseada nas vivências do autor⁹ que trouxe uma imagem mental onde a vida é vista como uma grande queda, cuja única certeza é a morte. Nessa queda, alguns alcançam o chão mais rápido que outros, alguns antecipam a morte, outros caem chorando e alguns outros caem dançando. A ideia ainda não era boa o suficiente para falar sobre as possíveis saídas que Camus aborda para a questão do *absurdo*.

A partir desta ideia surge o *Labirinto Existencial*, construído de isopor com palitos e cola quente fixando as paredes e o piso. As portas são de papelão. Foi pintado com tinta guache e decorado com símbolos colados nas paredes do labirinto que ajudassem a compreender alguns dos corredores que levam às portas sobre as quais refletimos nas apresentações.

As pessoas que estão fixadas nos labirintos foram impressas duas vezes, sendo uma delas invertidas, para que colando as duas partes as pessoas possam ser vistas de um lado ou de outro. Elas foram fixadas através de um pedaço de palito em seus pés com cola quente.

Todo este trabalho de montagem e pintura foi feito pelos pibidianos e alunos que fazem parte do grupo de estudos "Café Filo", criado em parceria com o professor supervisor Aldiney do Monte Aguiar, na E.E.M. Professor Arruda, em 2023.

Figura 1 - Maquete Labirinto Existencial



Fonte: A autoria própria

9. Ideia proposta inicialmente por "autor", modificada apoiada em conversas com "coautora" no âmbito do Pibid. Posteriormente, a atividade recebe novas alterações a partir de sua recepção pelo Sebo Cultural Itinerante, sob a orientação do professor "coautor". Essa ideia nasceu a partir de leituras de Nietzsche e assemelha-se com o *dasein* heideggeriano. "Dasein (al.: existência, ser-ai) Termo heideggeriano que significa realidade humana, ente humano, a quem somente o ser pode abrir-se. Mas como é ambíguo, correndo o risco de abrir uma brecha para o humanismo, Heidegger prefere utilizar a expressão ser-ai. Na linguagem corrente, Dasein quer dizer existência humana. Mas Heidegger procura pensar o que separa o homem dos outros entes. Enquanto os entes são fechados em seu universo circundante, o homem é, graças à linguagem, aí onde vem o ser. Assim, o Dasein é o ser do existente humano enquanto existência singular e concreta: "A essência do ser-ai (Dasein) reside em sua existência (Existenz), isto é, no fato de ultrapassar, de transcender, de ser originária- mente ser-no-mundo" (Japiassú e Marcondes, 2006, p. 65).

3.2 O labirinto

O Labirinto Existencial, como mostrado na Figura 1, representa o *absurdo*. É lá onde o ser humano destituído de ilusões encontra-se perdido diante de caminhos estranhos e sinuosos. O labirinto possui diversos caminhos que não levam a lugar nenhum, ele mantém seu hóspede preso em um estado um estado de confusão, incerteza ou dificuldades. Dentro dele o homem parte em busca de um caminho, assim como quando encontra-se preso ao *absurdo* quer encontrar respostas.

O labirinto é um convite à reflexão do sentido da vida, convidamos os alunos a escolher uma das portas e depois as explicamos do ponto de vista de Camus,

apontando qual a resposta lógica mais coerente e quais delas não são propostas adequadas ao método utilizado.

3.3 Os guardas

Os guardas na entrada do Labirinto Existencial fazem alusão à consciência que leva o ser humano a adentrar o *absurdo* por meio da comparação entre o mundo de suas expectativas e desejos, e o mundo real conflitante com aquele. Eles jogam as pessoas dentro do labirinto assim como a consciência é a porta de entrada ao *absurdo*. É a partir deste momento que o homem rompe com o seu cotidiano maquinal e a dúvida e a angústia se inserem, ele começa a pensar diante dessa realidade sem véu.

3.4 Portas falsas

Figura 2 - Saídas do Labirinto Existencial



Fonte: Autoria própria

A Figura 2 mostra os corredores e as portas da maquete. Três delas representam as formas de fugir do problema sem resolvê-lo ou pela negação de uma das partes e sua falsa superação. São 3 portas, duas delas são "fugas metafísicas": Salto na Fé (fé cega) e Salto na Razão (razão deificada); a terceira porta é o Suicídio.

3.4.1 Salto Cego na Fé

Nesta porta há uma pessoa vendada caminhando por seu corredor, simbolizando que ela deu as costas totalmente para a razão e a lógica. Quem escolhe este caminho faz uma aposta na fé cega, não sabe o que pode ter atrás daquela porta, talvez não tenha nada, ou possa estar trancada. O caminho é decorado com símbolos de várias religiões.

3.4.2 Salto pela Razão Deificada

As saídas metafísicas por conta de uma *razão deificada* formam um corredor do labirinto decorado com símbolos que remetem às ciências e aos grandes sistemas metafísicos. Nesta porta há esperanças de encontrar uma saída, negar ou destruir o problema com o uso da razão humana. Ela nega os limites humanos e dá excessivo apreço à nossa capacidade de alcançar o sentido (se é que ele existe) para esse mundo, tornando-o logicamente alcançável.

3.4.3 A saída pela porta do Suicídio

Como explicitado anteriormente o suicídio não é uma resposta coerente para o problema do absurdo, ele foge

de seu enfrentamento e o problema continua a existir, outras pessoas continuarão vivendo. Também não é possível saber se o problema realmente terminou, pois não nos é acessível conhecer se existe algo realmente após a morte, é um desconhecimento.

Na maquete, cuja pessoa (boneco) caminha deprimida em sua direção, traz este pensamento que leva à porta Suicídio, um caminho com símbolos que fazem alusão a um mal-estar, há imagens que associamos à tristeza, melancolia e a desesperança. Do lado de fora há um abismo que ao pular leva à morte, sem chance de retorno para o interior do labirinto.

3.5 Porta da *Revolta*: a solução adequada

A *revolta* é a solução árdua para o problema do *absurdo*, ela não o nega, mas o enfrenta. Em vez do homem procurar um sentido fora de si, deve olhar para seu interior e buscar criar novos sentidos e valores para sua vida. Solução essa que deve estar despida de toda esperança. A *revolta* envolve a aceitação consciente do absurdo, mas ao mesmo tempo, implica em buscar significado e valores através da ação humana e da criação de sentido em meio à aparente falta de significado no universo. Portanto a *revolta* é uma razão consciente e ativa, é o uso da vontade humana na busca de novos significados. É uma afirmação da liberdade

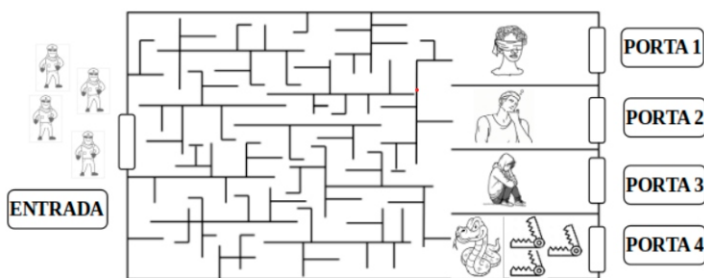
individual e da capacidade de escolher ativamente como enfrentar a condição humana sem o uso de placebos existenciais.

Ela é representada no Labirinto Existencial através de uma porta cujo corredor está cheio de armadilhas e obstáculos que simbolizam as dificuldades enfrentadas por quem resolve trilhar este caminho, sem esperança, mas em busca de criar significados em favor de uma lógica afirmação da vida.

3.6 Mudanças metodológicas

A atividade passa a ter um novo formato no Sebo Cultural Itinerante, através de uma tarefa didática que substitui a maquete e aposta, através de uma abordagem problematizadora, em uma história que descreve uma jornada em que os alunos em equipes discutem, expõem pontos de vistas, experiências/lembranças e tentam ajudar o protagonista a resolver o enigma do labirinto. Em seguida, após a discussão, a aula segue com trechos de *O Mito de Sísifo* que servem para aprofundar e dialogar com o pensamento de Camus. Com a maquete isso era feito com toda a turma ao mesmo tempo, agora os alunos podem discutir entre eles, com a oportunidade de conhecer pontos de vistas distintos acerca da existência. Para exemplificar, veja a atividade abaixo:

Figura 3 - Atividade: Labirinto Existencial



Fonte: Autoria própria

João é um rapaz jovem que vive satisfeito, sua vida parece um sonho cheio de promessas de felicidade. Por imaginar que seu futuro é garantido, ele vive sem pensar sobre a vida, apenas deixa-se levar por ela no fluxo maquinal dos hábitos. Certo dia, João depara-se com guardas:

- Guardas: Alto lá! Nós somos a sua Consciência! Você está preso, será condenado a vagar pelo Labirinto

Existencial!

- João: Estou confuso e com medo! O que eu fiz?!

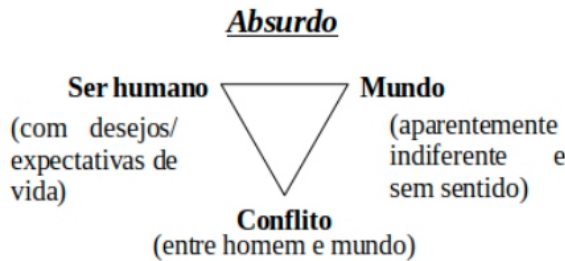
- Guardas: Sem se dar conta você perdeu o sentido da sua vida, antes você e o mundo estavam em harmonia. No entanto, agora há um conflito entre vocês e precisará superá-lo para sair do labirinto! Porém, há regras!

- João: Quais são essas regras?

- Guardas: O labirinto representa o absurdo, o estado em que você se encontra. Nesse estado você rompeu com o mundo. Todas as suas expectativas, seus desejos, tudo o que parecia dar sentido a sua vida está em conflito com um universo irracional e indiferente a você. Os cenários disfarçados pelo hábito da sua vida maquinal deixaram o

véu cair e você não sabe como lidar com isso. Tentou retornar ao que era antes, mas não funcionou. João, você despertou e não há como voltar! No entanto, você deve buscar resolver seu divórcio com o mundo! No labirinto você encontrará quatro (4) portas, mas somente uma delas é a resposta para o que procura! Lhe entrego o método para descobrir a saída:

Figura 4 - Saída



Fonte: Autoria própria

- Guardas: Você não pode negar nenhuma das três partes que compõem a regra! Pois ao retirar qualquer uma das partes o absurdo se desfaz, mas não é resolvido, é preciso homem, mundo e um conflito entre eles! Desejamos-lhe sorte!

Sem poder reagir, João segue seu caminho preso no labirinto do absurdo. Os dias passavam e ele se sentia triste e perdido ainda, sem saber o que fazer para sair do estado em que se encontrava, até que um dia, depois de tanto pensar, ele se depara com 4 possíveis soluções (saídas). Agora João precisa da sua ajuda para encontrar a saída lógica que termine com seu sofrimento:

Porta 1 – Salto Cego na Fé: João olhou para essa porta e ficou maravilhado! Por um instante ela parecia tirar todo o peso e a responsabilidade por sua vida de suas costas. Nessa porta João colocaria uma venda e caminharia por um caminho desconhecido, deixando de lado a razão e o mundo que não importavam mais, a fé cega era o sentido poderia ser a saída. Negar o mundo, sua razão e esse conflito por meio da fé cega era apostar que o problema não existia. Porém, João lidava com o desconhecido, não sabia ao certo o que poderia encontrar depois, somente acreditava. Por vezes percebia-se pensando "Mas e se essa porta não abrir? Se não tiver nada lá fora? Terei jogado fora este mundo e minha razão em vão?".

Porta 2 – Salto na Razão Deificada: Nessa porta João

também encontrou conforto! Veja só quantas maravilhas criamos com a razão e a ciência! Deslumbrado e vaidoso, ele acredita que pode encontrar o sentido da vida através da razão. João criou seu sistema racional, negou que o sentido do mundo é inacessível a nós, para ele existe e é acessível! Para João o mundo pareceu apenas desorganizado por um instante, ele encontraria a ordem para a vida! Tentou e tentou! Criou um sistema em que não tinha condições de comprovar o que supunha. João também lembrou que a humanidade já usou por várias vezes a razão para destruição de pessoas, animais, plantas e do planeta em geral. Decidiu ver a porta seguinte antes de se escolher.

Porta 3 – Saída voluntária da vida: Quando se deparou com essa porta pensou: "finalmente encontrei a porta que aceita o absurdo!". O suicídio aceitava radicalmente o mundo indiferente a ele, com seu conflito. Nesse corredor escuro, triste e sombrio o homem encontrava a morte. Com isso "o absurdo terminará", pensou ele. João começou a andar em direção, mas parou e pensou "embora aceite o absurdo, é uma fuga do problema!", "outras pessoas continuarão existindo, então, logicamente, enquanto seres humanos existirem o problema ainda existirá". João voltou e resolveu olhar a última porta. Ele também não saberia dizer ao certo se o absurdo acabaria com a sua morte, pois João não tem como saber se há vida após, caso haja ele não conseguiria fugir.

Porta 4 – Enfrentamento: Inicialmente, este corredor causou repulsa em João! Ele estava repleto de armadilhas e obstáculos de todos os tipos. Ele percebe que há uma certa semelhança entre este corredor com a razão, mas uma razão diferente, sem esperança de encontrar um sentido exterior ao ser humano. Essa porta diz que somos limitados, não temos capacidade de dizer com certeza que existe um sentido para a vida. A porta da Revolta aceita o absurdo e propõe enfrentá-lo livre de esperanças, ou seja, não aposta em um sentido exterior, mas propõe que criemos ao longo de nossas vidas sentidos para ela. É um confronto com o absurdo até o fim, carregando e se responsabilizando pelo peso de sua vida.

Qual dessas portas é consequência lógica do que a Consciência impõe a João? Alguma delas é capaz de colorir os cenários da vida dele novamente?

OBS: Lembre-se que João precisa encontrar uma resposta **lógica** que **não** negue o absurdo na sua totalidade ou parcialmente."

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma lúdica com que foi conduzida a criação da maquete empolgou os alunos desde que foi anunciada pelos pibidianos. Foi perceptível como os estudantes queriam participar dos processos, desde os estudos sobre o assunto até a criação do conceito e o trabalho de construção da maquete. Durante as apresentações na E.E.M. Professor Arruda, professores de outras disciplinas e estudantes se interessaram pela materialização do conceito camusiano e demonstraram interesse em participar do nosso grupo de estudos: "Café Filo". Foi perceptível que a maquete atraiu a curiosidade do público por onde passava.

Com a atividade produzida no Sebo Cultural Itinerante, ela ganha em participação dos alunos, uma vez que o professor consegue extrair mais vivências dos estudantes e em esforço para resolver o problema. A atividade foi realizada pelo projeto, na cidade de Sobral-CE, em cinco oportunidades: 1) em duas turmas na E.E.M. Doutor João Ribeiro Ramos, no período de 17/09/2024 a 18/09/2024; 2) Na XX Semana de Letras/Jornada Gótica do curso de Letras da UVA no dia 29/10/2024; 3) em evento realizado na coordenação do curso de Filosofia da UVA no dia 26/11/2024; e 4) na disciplina de Didática do curso de licenciatura em Filosofia da UVA, no dia 29/11/2024, a convite do professor da disciplina. Todas

essas apresentações, direcionadas para públicos distintos, trouxeram valiosas contribuições para o aperfeiçoamento da atividade e para a experiência e aprofundamento no conteúdo por parte dos ministrantes.

Esperamos que nossa atividade inspire alunos e professores de Filosofia a explorar recursos didáticos que conectem conceitos e problemáticas ao cotidiano da sala de aula em diálogo com as vivências dos alunos, promovendo aulas mais lúdicas e significativas para os educandos. Que esse espaço se transforme em um "laboratório de conceitos", onde os alunos possam desenvolver seus pensamentos através do encanto, do espanto e da curiosidade em conhecer.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Tradução de Valerie Rumjanek. 4.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman; Paulina Watch. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas-SP: Editora Papirus, 2012.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LINS, Rafael de Castro. **Albert Camus**: da angústia ao suicídio filosófico. Revista Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 35-55, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8357>. Acesso em: 07 fev. 2024.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. A Postura Camusiana Perante o Suicídio Físico. Existência e Arte – **Revista Eletrônica do Grupo PET** – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei, Ano VIII, Número VII, Janeiro a Dezembro de 2012. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Postura_Camusiana_Perante_o_Suicidio_Fisico.pdf. Acesso em: 09 mar. 2024.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. O absurdo camusiano em O Mito de Sísifo. **Revista Jangada**, n. 12, jul/dez, 2018, p. 52-67. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/download/159/169>. Acesso em: 03 fev. 2024.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

ZANETTE, Edgard Vinicius Cacho; SARMENTO, Cecília. A experiência de duvidar de tudo: reflexões sobre a dúvida metódica de René Descartes. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 9, n. 1, agosto/2016. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tpJovensPesquisadores/pesquisa/jovenspesquisadores/trabalhos_pdf/humanas/daniel_fiametti.pdf. Acesso em: 06 mar. 2024.